

Cuidado das crianças em narrativas de avós: entre a disponibilidade e a necessidade

Childcare in grandparents' narratives: between availability and need

El cuidado del niño em las narrativas de las abuelas: entre la disponibilidad y la necesidad

Liana Garcia Castro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
lianagarciaacastro@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0386-1079>

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a demanda de cuidado das crianças a partir de narrativas de avós ouvidas/os em uma pesquisa de doutorado em educação. Participaram da pesquisa sete avós e três avôs, moradores da cidade do Rio de Janeiro e um do município de Niterói. Realizada durante a pandemia de Covid-19, a pesquisa teve como estratégia metodológica entrevista concedida por meio da plataforma Zoom. Nas análises, busca-se colocar duas perspectivas em diálogo: a do cuidado como ética, construída com base na antropologia filosófica de Martin Buber e na psicanálise de Donald Winnicott; e a do cuidado como um trabalho exercido majoritariamente por mulheres, a partir dos estudos feministas de Flávia Biroli, Nadya Guimarães e Helena Hirata. As narrativas das/os avós participantes da pesquisa conduzem a refletir que a promoção de uma ética do cuidado nos interpela à construção de uma organização social que a favoreça e que cuide também de quem cuida.

Palavras-chave: Cuidado. Avós e netos. Infância. Crianças.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the demand for child care based on narratives from grandparents heard in doctoral research in education. Seven grandmothers and three grandfathers, residents of the city of Rio de Janeiro and one of the city of Niterói, participated in the research. Carried out during the Covid-19 pandemic, the methodological strategy of the research was interviews conducted via the Zoom platform. In the analyses, we seek to put two perspectives in dialogue: that of care as ethics, based on the philosophical anthropology of Martin Buber and the psychoanalysis of Donald Winnicott; and that of care as work carried out mostly by women, based on the feminist studies of Flávia Biroli, Nadya Guimarães and Helena Hirata. The narratives of de grandparents participating in the research lead us to reflect that the promotion of an ethics of care challenges us to build a social organization that favors it and that also takes care of those who care.

Keywords: Care. Grandparents and grandchildren. Infancy. Children.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la demanda de cuidado infantil a partir de narrativas de abuelos escuchadas en una investigación de doctorado en educación. Participaron de la investigación siete abuelas y tres abuelos, residentes de la ciudad de Río de Janeiro y uno de la ciudad de Niterói. Realizada durante la pandemia de Covid-19, la estrategia metodológica de la investigación fue la entrevista realizada a través de la plataforma Zoom. En los análisis buscamos poner en diálogo dos perspectivas: la del cuidado como ética, construido a partir de la antropología filosófica de Martin Buber y el psicoanálisis de Donald Winnicott; y el del cuidado como trabajo realizado mayoritariamente por mujeres, a partir de los estudios feministas de Flávia Biroli, Nadya Guimarães y Helena Hirata. Las narrativas de las abuelas y los abuelos participantes de la investigación nos llevan a reflexionar que la promoción de una ética del cuidado nos desafía a construir una organización social que la favorezca y que también cuide a quienes cuidan.

Palabras clave: Cuidado. Abuelos y nietos. Infancia. Niños.

Introdução

Cuidado é tema de estudos de diferentes campos do conhecimento (saúde, psicanálise, educação, filosofia, sociologia, antropologia), com enfoques e abordagens diversas. Este artigo parte da compreensão de cuidado como condição para a existência humana. Como seres de relação e interdependentes, constituímos-nos, desde o início da vida, a partir de práticas de cuidado de outros. Essas práticas, contudo, não acontecem num vazio social, pelo contrário, são fortemente marcadas por estruturas sociais.

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a demanda de cuidado das crianças a partir de narrativas de avós. Quais são as potencialidades e os limites da experiência de cuidado partilhada por avós e netos? Partindo dessa problemática, neste texto, busca-se colocar duas perspectivas em diálogo para pensar o cuidado das crianças: uma que parte da compreensão do cuidado como ética, construída principalmente a partir da antropologia filosófica de Martin Buber e da psicanálise de Donald Winnicott, e a outra que tem o cuidado como um trabalho exercido, majoritariamente, por mulheres, em uma sociedade patriarcal. Esta segunda perspectiva foi elaborada em estudos feministas desenvolvidos por Flávia Biroli, Nadya Guimarães e Helena Hirata.

Essas reflexões, no presente texto, são desenvolvidas a partir de narrativas de avós e avôs sobre o cuidado das crianças, ouvidas/os em pesquisa de doutorado em educação. O que é cuidar para as avós e os avôs ouvidas/os na pesquisa? O que elas e eles dizem sobre a necessidade de cuidar das crianças? Como apoiam as famílias, especialmente, as mulheres,

em relação à demanda de cuidado das crianças? Esses questionamentos emergiram nas análises de material de trabalho de campo realizado durante o estudo. Na tese, foram analisados sentidos construídos sobre infância a partir das narrativas de avós, avôs, netas e netos com fortes vínculos. Trata-se, portanto, de um recorte da pesquisa.

A estratégia metodológica foi a de realização de entrevistas com sete avós e três avôs, entre cinquenta e um e setenta e um anos de idade, moradores da cidade do Rio de Janeiro e um do município de Niterói. Também foram ouvidos seis de seus netos, entre cinco e doze anos de idade, moradores das seguintes cidades: Rio de Janeiro, Niterói, Brasília e Montevideo/Uruguai. O critério para participação na pesquisa foi o de familiaridade, a partir de indicações de pessoas próximas à pesquisadora e de avós e avôs com fortes vínculos construídos com suas netas e seus netos de até doze anos de idade.

Em decorrência da pandemia da Covid-19, o trabalho de campo foi realizado, entre maio e dezembro de 2020, através de interações por meios digitais, plataforma *Zoom* e aplicativo *WhatsApp*, com as avós e os avôs. Foram planejados encontros individuais com eles. Com as crianças, a conversa foi coletiva.

O contexto de pandemia também impactou o perfil das/dos participantes. Inicialmente, era intenção que a pesquisa contemplasse uma variedade de classes sociais. Entretanto, o modo virtual não possibilitou a participação de pessoas que não tinham acesso à internet de qualidade, suficiente para sustentar uma chamada de vídeo. Dentre as avós e os avôs participantes, a maioria é pertencente à classe média ou à classe média alta. Ainda assim, foi possível alcançar alguma variedade de perspectivas ao contemplar pessoas que residiam em diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro e do município de Niterói, com níveis de escolaridade e ocupações profissionais distintas.

O artigo está organizado em quatro partes, incluindo esta, introdutória. Na segunda parte, é pensado o cuidado, tendo como ponto de partida as contribuições de Buber e de Winnicott. Na terceira, são analisadas as narrativas das/os participantes da pesquisa a partir de duas perspectivas: uma, refletindo sobre a disponibilidade para estar com as crianças, sobre o cuidado como ética, como relação, e a outra, abordando os desafios para o cuidado das crianças numa sociedade que sobrecarrega as mulheres e não o compreende como responsabilidade coletiva. Na quarta, expõem-se as considerações finais.

Cuidado como ética: contribuições de Buber e Winnicott

Martin Buber (1878-1965), filósofo austríaco, profundamente sensível às relações humanas, é conhecido, principalmente por pensar o diálogo (e sua escassez) na sociedade moderna. Donald Winnicott (1896-1971), pediatra e psicanalista inglês, dedicou-se a compreender como um bebê, a depender dos cuidados que recebe, torna-se uma pessoa capaz de cuidar de si e de socializar-se. As teorias de ambos os autores contribuem para pensar uma ética do cuidado na sociedade contemporânea.

Começemos por Buber. Para esse autor, “ser gente significa ser o ente que está face a face. [...] é isto que importa” (1991, p. 60). O *Eu*, segundo o filósofo, só existe com um *Tu*, na medida em que este é aceito em sua totalidade, de modo que se torne presença para mim (Buber, 2001). Assim, o sentido do humano é a relação com o outro, e é apenas nela que nos constituímos como pessoas.

Para podermos sair de nós mesmos em direção ao outro é preciso, sem dúvida, partirmos do nosso próprio interior. É preciso ter estado, é preciso estar em si mesmo. O diálogo entre meros indivíduos é apenas um esboço, é somente entre pessoas que ele se realiza (Buber, 2009, p. 55).

Buber (2001) caracteriza duas atitudes distintas do ser humano frente ao mundo, pronunciadas pelas palavras-princípios *Eu-Tu* e *Eu-Isso*. A *relação* *Eu-Tu* reflete o encontro com o outro, que envolve reciprocidade e confirmação mútua. Revela-se no engajamento, no comprometimento mútuo - *que ninguém tente debilitar o sentido da relação: relação é reciprocidade* (p. 54).

O que Buber denomina atitude *EU-TU*, correspondente à situação na qual predomina a presença, na totalidade de um *Eu* e de um *Tu* livre de pré-determinações, é a atitude que antecede à análise, o conhecimento cognoscitivo. Esta atitude caracteriza-se como dialógica por estabelecer a relação na qual o *Eu* entra fazendo-se presença na totalidade, vivendo e respondendo ao momento com todo o seu ser. Neste revelar do *Tu* que poderia ser apresentado como possível configuração de uma união entre duas pessoas, o momento existencial do *Tu* abrange um ir além da personificação, no sentido de pessoas que se constituem, de ambos os “eus” (Santos Filho, 2014, p. 5).

O *relacionamento* *Eu-Isso* expressa a objetividade, a atitude de utilização do outro e do mundo. Diz respeito a uma atitude necessária ao ser humano, “mas que se torna nociva quando se converte na forma preponderante de expressão humana, e engloba a totalidade da verdade,

impossibilitando o emergir de respostas nos níveis mais profundos que só podem surgir dos encontros Eu-Tu” (Santiago; Röhr, 2006, p. 2).

Para Buber (2008, p. 83), o ser humano nasce na comunidade: “ela é sua condição, ele vive, respira nela, ela o sustenta”. Comunidade, para o autor, é uma vida em comum. Não é estar “um-ao-lado-do-outro, mas um-com-o-outro; implica um dirigir-se-um-ao-outro, um face-a-face dinâmico, um fluir do Eu para o Tu” (2009, p. 66-67). Diferente da sociedade, que silencia a espontaneidade e dificulta as relações autênticas, na comunidade, há o reconhecimento do outro, a confirmação de sua existência, o acolhimento de sua singularidade.

Em sentido próximo e tendo Winnicott como referência, Safra (2004) desenvolve:

[...] a possibilidade de convivência com os outros depende da hospitalidade de alguém, esse é o acesso, em meu modo de ver, para a vida em comunidade. Fora da comunidade, a pessoa se sente inexistente e indiferenciada. Nascer é acontecer para o amor de alguém, morrer é deixar de ser amada, em outras palavras, de ser significativa para alguém (Safra, 2004, p. 72).

Quando chegamos ao mundo, necessitamos ser amparados, precisamos de quem nos alimente, nos banhe, nos acolha, nos assista e nos ajude a conhecer o mundo e a nos constituirmos como pessoas. Para Winnicott (2019, p. 182), o bebê percebe sua existência através do olhar do outro: *Quando olho, sou visto. Portanto existo*. Os rostos de quem cuida do bebê exercem um papel de espelho, possibilitando que ele veja a si mesmo.

Winnicott (2021) reforça a necessidade de que pessoas devotadas ao bebê, ative e sensivelmente, sustentem um “ambiente suficientemente bom”, que “começa com um alto grau de adaptação às necessidades individuais do bebê” (p. 23). Essa adaptação “vai diminuindo de acordo com a necessidade crescente que o bebê tem de experimentar reações à frustração” (p. 23). É esse “ambiente protetor” que sustenta o seu desenvolvimento e a construção de um senso de existir. É através dessas primeiras relações, dos olhares e cuidados destinados ao bebê, que ele é apresentado à realidade do mundo e torna-se capaz de *ser*, de construir a sua personalidade. Assim, é em relação – e somente nela – que uma existência pessoal é possível.

Lejarraga (2008) destaca que, para Winnicott, essas necessidades do bebê não são apenas fisiológicas, mas também emocionais: de contato humano, íntimo, corporal e afetivo. A disposição para lhes atender é desenvolvida pelo adulto a partir de “lembranças

conscientes e inconscientes de ter sido um bebê, porque se identifica com a condição desvalida e dependente de seu bebê” (Lejarraga, 2008, p. 89).

Tanto Buber quanto Winnicott colocam a relação em primeiro plano, compreendendo o ser humano como um ser-com-os-outros, um ser que não é sozinho, que se sustenta em uma rede de afetos. Cuidado, nesse sentido, é compreendido a partir dos dois autores, como ética, que envolve o reconhecimento do outro, de suas necessidades, de sua singularidade. Para ambos, “estar em relação é primário, e o self individual único se desenvolve a partir de nosso estado fundamental de interconexão. [...] vida autêntica envolve a consciência da interconexão por meio do envolvimento genuíno e responsável com o mundo” (Adame, 2020, p. 1. Tradução nossa).

Narrativas de avós sobre cuidado das crianças

Para as entrevistas com as avós e os avôs, foi elaborado um roteiro com os seguintes eixos: (1) apresentação de si; (2) memórias de infância; (3) relação com as/os netas/os; e (4) questões movidas pela pandemia e o isolamento social. Os encontros, que aconteceram no *Zoom*, duraram entre uma hora e quatro horas e meia. Todas as conversas foram gravadas e transcritas na íntegra. Embora muitas conversas tenham se desdobrado em interações pelo *WhatsApp* (envio de fotos, vídeos, áudios...), as conversas pelo *Zoom* foram pontuais e longas. Desse modo, foi possível se debruçar e refletir sobre cada palavra dita pelas/os participantes.

No entanto, muito mais do que colher informações, o intuito foi escutar, criar um espaço de diálogo, aprender. Sobre isso, o antropólogo britânico Tim Ingold (2019) propõe ouvir as pessoas, levando-as a sério, tratando-as menos como informantes do que como professores, os quais devem ser procurados pelo que podem nos ensinar sobre o mundo. Nesse sentido, não se trata de interpretar ou explicar o comportamento dos outros. Trata-se, ao contrário, “de aprender com as suas experiências de vida e de aplicar esse conhecimento às nossas próprias concepções de como a vida humana poderia ser” (p. 10).

Nesta parte do texto, como anunciado anteriormente, são analisadas as narrativas das/os participantes da pesquisa que dizem respeito ao cuidado com as crianças.

Disponibilidade para estar junto

O que é cuidado na perspectiva das avós e dos avôs ouvidas/os na pesquisa? O que significa para elas e eles cuidar de suas netas e seus netos quando crianças? O que esse cuidado envolve?

Para Cecília, um bebê, uma “criancinha”, inspira cuidados.

Eu acho que tem uma coisa que é a inocência, a fé e a credulidade que ele tem na gente; isso faz com que a gente tenha muito cuidado de ser bacana. Tem horas que eu estou sem paciência com alguma coisa ou que eu não quero brincar, ou que eu brigo com ele porque ele fez alguma coisa que tinha que brigar na hora, e ele me olha com uma cara de: "Caramba, vó, você vai brigar comigo?" Aí eu paro e falo: "Caraca!" E penso que é um bebê, é uma criancinha que inspira cuidados (Cecília, Entrev., 19/05/2020).

“Cuidado de ser bacana”, de não perder a paciência, de não quebrar a confiança que a criança tem no adulto. Essas são as preocupações de Cecília na relação com seu neto de dois anos. Essa avó reconhece que há uma demanda de cuidado no início da vida, que exige uma postura diferenciada diante do outro, uma criança. Essa demanda por cuidado, como desenvolvido anteriormente a partir de Buber e Winnicott, implica não apenas garantia de condições de sobrevivência, mas acolhimento para poder viver uma vida que tenha sentido. Por sua condição relacional, o ser humano precisa ser reconhecido pelo outro para existir.

Este reconhecimento do outro na sua alteridade se exprime na própria etimologia da palavra grega “*éthos*” (da qual deriva ética), que remete a dois sentidos: “morada” e “pátria”; a primeira refere-se a um lugar para viver, a segunda sublinha os laços sociais através dos quais emergimos. A palavra ética refere-se assim às condições necessárias ao acontecer humano, isto é, ao que permite a cada sujeito “morar” no mundo inserido numa comunidade (Plastino, 2009, p. 53).

É através dos laços com os outros que acontecemos enquanto humanos, enquanto pessoas. Paradoxalmente, é por sermos recebidos numa comunidade e termos um “lugar” para pertencer, que constituímos nossa singularidade. Pois “sentir-se um eu, isto é, sentir-se um ser singular diferente dos outros e do ambiente não é um dado presente desde o início da vida, mas uma aquisição resultante de atualização das tendências naturais no contexto de um ambiente que as favoreça” (Plastino, 2009, p. 74). Existir é uma conquista que só é possível através do cuidado dispensado ao outro. Nesse sentido, reconhecer o “papel decisivo do cuidado no processo de emergência do sujeito” (Ibidem, p. 74) mobiliza uma

ética diante desse outro, uma criança; exige o reconhecimento de sua vulnerabilidade e sensibilidade, de um modo de se afetar pelo outro diferente do adulto.

Para Guimarães (2021, p. 11), “o cuidado está associado ao sentido de vulnerabilidade”. No entanto,

Todos nós somos vulneráveis, no sentido de que seremos vulneráveis em algum momento da nossa vida; ou seja, iremos nos sentir vulneráveis mais dia, menos dia. Mais ainda, seremos tratados como “naturalmente vulneráveis”, como duradouramente vulneráveis, depois de transcorrido certo tempo de vida, tal como o fomos no começo da vida. Então, a ideia da vulnerabilidade é a contraface do cuidado, ou seja, a vulnerabilidade nos põe diante da necessidade de ser cuidado (Guimarães, 2021, p. 11-10).

Para a autora, embora o cuidado seja algo central para a existência humana, o tempo de vida de uma pessoa a torna mais demandante de cuidado. Nessa mesma trilha, Kramer e Pena (2019, p. 71) afirmam que vulnerabilidade pode ser compreendida “desde a ideia de condição inerente ao ser humano até uma visão de suscetibilidade em função de uma cidadania fragilizada em decorrência da negação de direitos”, como no que diz respeito a crianças e idosos, pessoas com deficiência, pessoas em situação de pobreza, pessoas negras...

Podemos afirmar que um bebê recém-nascido é o ser humano mais vulnerável. Contudo, este estado ou condição torna-se ainda mais vulnerável quando os bebês nascem na pobreza, são de raças, etnias, culturas ou famílias que sofrem discriminação ou preconceito, se têm deficiências (Kramer; Pena, 2019, p. 71).

Cuidado, nesse sentido, é concebido como uma ética diante das necessidades do outro. Em se tratando de crianças, exige o reconhecimento “com nossas próprias ações que elas não são propriedades, que têm direitos – os quais nós respeitamos e garantimos” (hooks, 2020, p. 72). Desse modo, a chegada de novos seres humanos ao mundo implica a criação de estratégias que garantam sua sobrevivência, proteção, educação. Crianças precisam de adultos que se responsabilizem pela garantia de alimento, colo, atenção, presença.

Diego: Sabe, uma vez eu me ferrei muito no parquinho. Eu quase comi terra! Eu estava muito rápido e caí de cara no chão, comecei a chorar... Então, o meu avô me ajudou a levantar porque eu estava com dificuldade.

Pesquisadora: Isso que eu ia te perguntar: quando você se machuca, o que o seu avô faz?

Diego: Quando a gente chegou em casa, eu comecei a lavar... A gente veio correndo, lavou a boca. Colocamos sabão, álcool em gel, álcool, sabão, álcool, sabão, e eu percebi que eu não comi terra.

Pesquisadora: E que o seu avô faz quando você cai?

Diego: Ele me ajuda. Um monte de coisas para me ajudar.

(Entrev. Coletiva, 05/12/2020)¹

Para João, avô do Diego, estar com crianças exige preparação.

Eu acho que as pessoas deveriam se preparar para isso, se preparar para estar ao lado dos netos. Você não está em um lugar de observador apenas. Você precisa se preparar tentando conhecer os hábitos, o que ele gosta, que tipo de brincadeira é mais legal para ele, como eu posso agir efetivamente. Eu acho que isso é importante (João, Entrev., 04/06/2020).

Cuidar quando a criança se machuca. Conhecê-la para saber seus gostos, suas brincadeiras preferidas. Acolher seu modo de ser antes de agir. Estar *com* a criança, entrar em relação. Para Ceccim e Palombini (2009, p. 155), “para cuidar é preciso exposição ao outro. Aceitação do outro como ele é, mas também oferta de acolhimento ao que nele pede passagem (devires, experimentações)”. Trata-se de uma “alteridade em prática”:

[...] há um momento em que se faz necessário partilhar, em que é preciso se colocar em sintonia com o outro, é preciso ir até ele, partilhar seu estado, há uma comunhão. [...] Um devir-criança em nós assegura-nos essa escuta ética *do e pelo* outro nas situações que envolvem cuidado e educação em ato (Ceccim; Palombini, 2009, p. 177. Destaques no original).

Cuidado como partilha, como compromisso com o outro. Cuidar exige escuta, observada tanto na narrativa de João quanto na de Cecília. Suas falas apontam para uma perspectiva de cuidado que, além da dimensão instrumental, abrange uma dimensão ética e humana. Alude, ainda, a uma “preparação”, a um cuidado de si para estar com o outro. Sobre isso, Guimarães afirma:

[...] o cuidado diz respeito a um modo prático de o ser humano ser-no-mundo, envolvendo responsabilidade e um agir que não espera

¹ Embora o artigo focalize as narrativas das avós e dos avôs da pesquisa, optou-se por incluir este trecho da entrevista coletiva com as crianças por sua articulação com o tema.

resultados. O cuidado integra o mundo cotidiano (presente, factual, instrumental) e o mundo existencial (que envolve a indagação sobre o sentido da vida, o futuro). [...] Cuidado exige a ocupação da vida humana consigo mesma e com os outros, numa perspectiva factual e existencial, de modo integrado (Guimarães, 2011, p. 47).

Cuidado abrange ocupar-se de si e do outro, nas situações cotidianas, integrando as esferas da vida prática e existencial. Nessa mesma perspectiva, ser avó/avô, para Cecília e João, envolve um tipo de cuidado “em que o interesse pelo outro atravessa a futilidade do momento e se estabelece a relação” (Kramer *et al.*, 2020, p. 9).

Cecília, avó participante da pesquisa, diz ainda: “O que traz a potência de vida é uma necessidade de cuidado que as crianças têm mesmo, e você se reposiciona porque você tem que estar bem para poder cuidar do outro”. Cuidar de si para estar com o outro remete a Buber (2011a, p. 38) quando afirma que é preciso “começar consigo, mas não terminar consigo: partir de si, mas não ter a si mesmo como fim”. A contemplação de si para tomada de conhecimento é atitude necessária no movimento em direção ao outro. Nesse sentido, “a condição para entrar no diálogo é encontrar o eu, mas o eu que está em relação” (Kramer *et al.*, 2020, p. 9).

O cuidado de si anunciado por Cecília, entretanto, é provocado pela “potência de vida” da criança. A criança, com seu ímpeto pela vida, evoca a necessidade do cuidado. Para Costa (2009, p. 31), ao ser humano “pertence radical e impulsivamente o desejo de vida, e é por saber-se mortal que o cuidado é uma presença contínua e irremissível da vida humana”. Nesse sentido, estar em relação com as crianças, deixando-se ser afetada/o por elas, convida a viver – a evitar a morte, cuidando, pois “viver é cuidar” (Ibidem, p. 51). Cuidar do outro é cuidar da vida. É afirmá-la intensamente e libertar-se do fatalismo. Cuidar, em especial de crianças, convida a brincar, a criar, a abrir lugar para o novo, a transgredir, a viver (Ceccim; Palombini, 2009).

Aprende-se a cuidar? Ensina-se a cuidar? Para cuidar, será preciso derrubar todos os movimentos de exclusão da alteridade [...]. Será necessária a abertura aos encontros de afecção, será necessário encontrar-se com o outro. A exclusão da alteridade é a exclusão do cuidado. Não é possível cuidar sem se expor ao outro: uma educação do cuidado é uma educação da alteridade (Ceccim; Palombini, 2009, p. 176-177).

É por amor às crianças e ao mundo que cuidamos dos recém-chegados, que assumimos nossa autoridade, como afirma Arendt (2016), pois, sendo cuidadas, as crianças

também aprendem a cuidar. Para Kramer et al. (2020, p. 10), cuidar “é ato educativo comprometido com o outro e contribui para a sua formação humana. Do mesmo modo, não é possível educar sem cuidar” (Kramer, 2011, p. 86). Nós, seres humanos, quando recebidos no mundo com amor e cuidado, tendemos a desenvolver atitudes de cuidado, aprendemos a cuidar.

Na perspectiva winnicottiana, um “ambiente suficientemente bom – presidido pelo cuidado com o outro – constitui o cerne de uma vida capaz de relações construtivas e alteritárias” (Plastino, 2009, p. 75).

Uma atitude de cuidado [...] torna possível o movimento construtivo do sujeito nas suas relações com os outros, isto é, com a sociedade. Assim, o sujeito acolhido por uma atitude presidida pelo cuidado, pelo reconhecimento de sua singularidade e de suas necessidades, pode emergir como um sujeito, ele mesmo, orientado para uma atitude de cuidado, isto é, de reconhecimento da singularidade e das necessidades dos outros (Plastino, 2009, p. 78).

Nesse sentido, cuidado, como reconhecimento do outro e afirmação da vida, vai na contramão do individualismo, marca da sociedade moderna. Com base em Winnicott (2011), Plastino (2009, p. 85) desenvolve: “o aprofundamento da democracia na atualidade passa pelo desenvolvimento de práticas respeitadas das diferenças e das singularidades e, ao mesmo tempo, expressão, de um forte sentimento de pertencimento e de inserção criativa de cada sujeito no coletivo e na natureza – inserção na qual a vida ganha sentido”. Tanto Winnicott quanto Buber compreendem que a vida comunitária saudável exige que cada pessoa assuma a responsabilidade pelo bem-estar de todos.

Cuidar dos outros significa que, para Winnicott e Buber, as pessoas saem de si mesmas com um senso de coragem recém-descoberto. Assumir tal responsabilidade por outros encoraja e restaura relações genuínas entre as pessoas, e desse modo, permite a regeneração ética e espiritual do mundo mais amplo. O espaço de transição, ou *das Zwischenmenschliche* [do inter-humano], portanto, é fundamental para a preservação de uma comunidade humana responsável, em que a capacidade de se relacionar significativamente com os outros seja sempre uma realidade (Praglin, 2006, p. 8. Tradução nossa).

Cuidado como atitude de responsabilidade diante do outro, da vida. Para Buber (2009, p. 49), é preciso “responder ao que nos acontece, que nos é dado ver, ouvir, sentir”. Cuidado, então, acontece na vida concreta, na realidade que se apresenta diante de nós, que

nos interpela a dar uma resposta. Pensar o cuidado como resposta responsável, como ética, não significa idealizá-lo ou construir um modelo de cuidado a ser seguido. Carolina, avó participante da pesquisa, reflete sobre isso:

Apesar de toda essa dureza vivida da minha mãe, ela nunca nos deixou soltos. Ela era, quando nós éramos crianças, lavadeira, dessas que lavam roupa na mão mesmo. Lavava roupa na mão, passava, engomava e quando ela ia entregar a roupa, ela dava a mão para um – eu tenho um irmão gêmeo – e nós dávamos a mão para o outro, e ia aquela correntinha, ela segurando os cabides com as camisas. Eu me lembro bem disso. E enquanto ela estava lavando roupa, nós estávamos sentados do lado dela com os brinquedinhos, e ela estava sempre de olho na gente. Então aquela coisa que você me perguntou, dessa questão de confiar, de pedir... Ela é uma pessoa que não descuida, é uma pessoa que tem um olhar, está sempre ali, vendo, tomando conta. Então isso eu tive da minha mãe, essa atenção, esse olhar. [...] O afeto que ela tinha, o cuidado que ela tinha era esse (Carolina, Entrev., 16/05/2020).

Ter “um olhar” e estar “sempre ali” é não descuidar, segundo essa avó, ao se referir à sua mãe. Há um reconhecimento de Carolina de que o cuidado de sua mãe foi esse, o possível, endurecido pela vida e pelas situações de opressão – como mulher negra, pobre, que criou os filhos sozinha. Porém o fato dela sempre estar ali, presente a seu modo, provocou em Carolina o sentimento de ser cuidada. Além disso, fez dela uma pessoa confiável para ficar com o neto. Essa reflexão remete às condições estruturais – gênero, classe, raça – que afetam os modos de cuidar e a própria garantia do cuidado.

Necessidade de ser apoiado

Seres humanos recém-chegados ao mundo exigem estratégias específicas de cuidado. Crianças precisam de um ambiente protetor, garantido por adultos. Porém, para os pais trabalharem, surge “aquele problema de com quem deixar a criança”, como afirma o avô Gilberto (Entrev., 04/12/2020). Em países como o Brasil, em que o Estado é pouco presente, fica, sob o encargo das famílias, garantir o cuidado de seus membros (Ramos, 2011). Para suprir essa necessidade, frequentemente, as avós e os avôs são acionadas/os:

Quando ela voltou para a faculdade – porque ela ainda não tinha terminado –, o Luan veio para cá. Ele praticamente cresceu aqui [...]. Ele ficava aqui comigo quando ela ia trabalhar, ia para o plantão dela... Luan tinha uns cinco meses, seis meses quando começou a ficar aqui direto, porque ela começou a estudar e trabalhar. Ele ficava aqui comigo. Como, às vezes, ainda fica (Elisa, Entrev., 17/12/2020).

O meu pai morreu quando eu estava no primeiro mês de gravidez do [meu primeiro filho]. [...] E a mamãe foi “A avó”. Mamãe foi uma avó assim... Eu pude estudar mais e tudo, eu pude terminar, fazer a psicologia e fazer tudo o que eu fiz. Eu agradeço muito à mamãe porque ela acompanhou... Minha filha tem paixão por essa avó (Lygia, Entrev., 27/05/2020).

Diferente de outras pesquisas com avós e avôs (Oliveira, 2011; Alves, 2013; Rosa, 2018; Ribeiro, 2018), principalmente com avós, mulheres de classes populares, entre as/os participantes da pesquisa não há quem tenha assumido integralmente a criação das netas e dos netos. Desse modo, a necessidade de cuidado, no universo pesquisado, aparece, em muitas de suas falas, como apoio às demandas da mãe e do pai. Em suas narrativas, o trabalho e/ou estudo da mãe, em especial, é apontado como uma situação que exige um suporte para a garantia do cuidado das crianças e da própria mãe.

A questão da mãe, o trabalho da mãe... A mãe está sempre nessas duplas, triplas, quádruplas jornadas. São muitas coisas. Então se eu puder estar junto, se eu puder auxiliar, eu me coloco disponível (Carolina, Entrev., 16/05/2020).

Minha avó vivia aqui, e a minha mãe também teve essa parte de acolher porque ela trabalhava fora, precisava desse apoio dos avós, das irmãs para a criação; então ela sempre vinha para cá [...]. Eu ajudo as minhas filhas também, porque elas trabalham fora. Quando eu não vou, elas dizem: “Mãe, vem me ajudar!” (Marina, Entrev. 06/0/2020).

Carolina reconhece que as mulheres assumem múltiplas jornadas de trabalho, dentro e fora de casa, sobretudo, quando têm filhos. Por isso, também se disponibiliza para estar junto e ajudar sua nora. Marina identifica essa necessidade de apoio – dos avós, das irmãs – quando observa que sua mãe, ela e as filhas precisaram e precisam desse suporte. Há um reconhecimento dessas avós de que o cuidado das crianças precisa ser compartilhado por outras pessoas. No entanto, nesses e em outros relatos, essa partilha acontece principalmente entre mulheres.

Essas narrativas apontam para a responsabilização das mulheres em relação ao cuidado, especialmente ao cuidado das crianças, e no que diz respeito ao âmbito doméstico de modo geral. Isto, conseqüentemente, acarreta uma sobrecarga de trabalho. Desse modo, coadunam-se com estudos que evidenciam que, embora o cuidado seja uma necessidade de todas/os e fundamental para a preservação da vida, ele tem sido atribuído historicamente às mulheres.

Biroli (2018b, p. 67) afirma que essa “alocação de tarefas é ancorada na naturalização de habilidades e pertencimentos, definidos de acordo com uma visão binária, não apenas simplificada, mas também ilusória, da conexão entre sexo biológico e comportamentos”.

Você quer que o marido participe, ajude, e o homem tem uma característica diferente da mulher. Mesmo quando eu trabalhava, eu ligava para casa e perguntava: "o que você comeu?" E o homem vai trabalhar e pronto, volta de noite e o que rolou durante o dia para ele... Não é nessa intensidade que a gente vive. E acaba a gente brigando: "Por que você não fez?" (Marina).

A responsabilização desigual pelo cotidiano da vida, como narra Marina, provoca conflitos, privilégios, cansaço. Biroli (2015, 2018), Guimarães e Hirata (2020) defendem a compreensão de que, no âmbito doméstico, o cuidado às crianças e à casa é trabalho, mesmo não remunerado.

Esse trabalho não está institucionalmente contabilizado no rol de atividades economicamente relevantes; e por sua característica não-monetária, não se lhe reconhece um elo direto com o mercado. As pessoas que as perfazem tampouco são contabilizadas como fazendo parte da população economicamente ativa (Guimarães, 2020, p. 115).

No entanto, sem esse tipo de cuidado, não há nenhum outro trabalho possível, não há economia possível, não há vida possível. Para essas autoras, o modo como o cuidado é organizado numa sociedade diz muito sobre ela, e, nas sociedades ocidentais contemporâneas, ele é marcado pela divisão sexual do trabalho.

Falar de divisão sexual do trabalho é tocar no quem vem sendo definido, historicamente, como trabalho de mulher, competência de mulher, lugar de mulher. [...] Muitas das percepções sobre quem somos no mundo, o que representamos para as pessoas próximas e o nosso papel na sociedade estão relacionadas à divisão sexual do trabalho. Nela se definem, também, dificuldades cotidianas que vão conformando trajetórias, possibilidades diferenciadas na vida de mulheres e homens. Trata-se de questão sensível, ainda, porque confere a todas as mulheres uma posição semelhante (a elas são atribuídas tarefas de que os homens são liberados) e porque as distingue dos outros atores (elas são diferentemente marcadas e oneradas pela divisão de tarefas e responsabilidades segundo recursos que detêm para “driblar” o tempo e a energia que tais tarefas requerem) (Biroli, 2018b, p. 21).

Biroli (2018b), ao analisar as dimensões ideológicas e socioeconômicas da atribuição do cuidado às mulheres, enfatiza a necessidade de problematizar a dualidade entre público e privado, observando que as relações de poder no âmbito privado não são consideradas na compreensão de como “os indivíduos se tornam quem são”. Essas relações, segundo a autora, são marcadas pelo patriarcado, compreendido como “um complexo heterogêneo, mas estruturado, de padrões que implicam desvantagens para as mulheres e permitem aos homens dispor do corpo, do tempo, da energia de trabalho e da energia criativa destas” (p. 11).

Essa responsabilização do cuidado afeta a trajetória de vida das mulheres. Adélia, avó participante da pesquisa, contou que parou de estudar para se dedicar à criação dos filhos. Quando a filha e o filho se tornaram adultos, retomou os estudos e se tornou professora. Mais tarde, quando nasceu sua primeira neta, e a filha precisava de suporte, decidiu se aposentar. Segundo ela, foi sua escolha se dedicar aos filhos e aos netos. João também narra que a esposa decidiu deixar de trabalhar fora para se dedicar aos filhos e à filha.

[Minha esposa] trabalhava, e a gente deixava [nosso primeiro filho] na casa da minha mãe; ele ficava lá o dia e quando chegava em casa, pegava. Mas quando [minha filha] nasceu, esse negócio ficou complicado já que não tinha creche direito, um lugar perto. Foi então que a [minha esposa] tomou uma decisão, e essas coisas são muito sérias porque impactou a vida dela toda: "Eu vou parar de trabalhar, porque eu não vou conseguir ficar com as crianças..." (João, Entrev., 04/06/2020).

Embora as situações de parar de trabalhar para se dedicar ao cuidado às crianças se assemelhem, Adélia não mostra remorso ou sofrimento em sua fala. No caso de João, ele reconhece que não foi uma decisão fácil por ter impactado a vida de sua esposa. Em ambas as narrativas, não é vislumbrada a possibilidade de o homem-pai fazer o mesmo, reforçando a noção heteropatriarcal de família composta por uma cuidadora e um provedor. Biroli (2018b) problematiza essas decisões, sobretudo, a ocasionada por não ter com quem deixar a criança, considerando que não podem ser compreendidas nem como escolhas voluntárias individuais nem como frutos de coerção.

A recusa de um emprego, por parte de uma mulher, por não haver creche para deixar os filhos, ou as faltas seguidas ao trabalho quando os filhos pequenos adoecem – o que pode acarretar a perda do

emprego ou limitar a ascensão profissional – só poderão ser tratadas como “escolhas” se for desconsiderado o contexto em que estas se realizam ou se fizer de conta que não existem crianças pequenas que precisam de cuidado (Biroli, 2018b, p. 64).

Com foco nos avanços e obstáculos a partir da Constituição de 1988 para a garantia do cuidado das crianças brasileiras, Marcondes e Moreno (2018) analisaram três políticas: creches; licenças, maternidade e paternidade; e proteção social às trabalhadoras domésticas. Dentre as três, segundo as autoras, a política de creches foi a que apresentou avanços mais significativos. Sobre isso, vale uma ressalva: embora a política de creches, como apontam as pesquisas, impacte na autonomia das mulheres, ela não pode ser colocada como a principal solução para a garantia de cuidado das crianças. A creche, como instituição educativa, é fruto da luta das mulheres (Rosemberg, 1984, 2015; Campos, 1999) e a garantia do direito de as crianças, com até três anos, se desenvolverem integralmente, em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social.

Além disso, após os três anos, as crianças ainda precisam ser cuidadas. O uso do termo creche, em alguns estudos e no senso comum, também se aproxima de uma concepção assistencialista, compreendendo-a como lugar de guarda de crianças para as famílias trabalharem, concepção essa distanciada de sua função educativa. Nossa organização social, fortemente marcada por desigualdades estruturais, evidencia a necessidade de maior interlocução entre os campos da educação e da infância com os estudos de gênero e da sociologia do trabalho para que sejam repensados nossos modos de viver e construídos outros, que favoreçam o cuidado de crianças e de quem cuida.

Essas desigualdades também são observadas por Sorj e Fontes (2018), que analisaram duas políticas públicas: Bolsa Família e a universalização da Educação Infantil, acesso de crianças de até seis anos a creches e pré-escolas. Suas análises indicam que, nas famílias com maiores rendimentos, o cuidado das crianças é garantido aliando a frequência às instituições de Educação Infantil privadas e a contratação de serviços de babás e/ou empregadas domésticas. No caso das famílias de baixa renda, além das instituições públicas (quando se conseguem vagas), são acionadas familiares (avós, irmãs) ou vizinhas.

Eu tinha, ainda tenho, que hoje é nossa amiga, que nos ajudou muito a cuidar deles, a Janaína. [...] Desde quando eles eram pequetinhos. Só que a Janaína engravidou e foi morar com o rapaz, saiu lá de casa. Ela morava com a gente. E quando ela engravidou, ela teve o filho dela lá em casa, mas ela foi morar na casa dos patrões dele lá na Urca, e eu fiquei um tempo sem ter uma ajuda. [...] Muitas vezes eu precisava

deixar meus filhos com os avós... Era muito prazeroso ficar lá, eles gostavam porque era praia, mas dia de semana era muito difícil, ficavam mais no fim de semana. Às vezes eu saía com o [meu marido], e eles ficavam lá, mas não era uma coisa de rotina não. Podia contar muito com eles, minha mãe gostava, na época que o meu pai tinha dinheiro, ela comprava muitas roupas para eles, ela comprou os berços. Nessa coisa material, nós tivemos o apoio muito grande dos meus pais e dos pais do [meu marido] também. O meu sogro ajudou muito: pegava no clube e trazia para casa enquanto eu e o [meu marido] estávamos trabalhando (Clarice, Entrev., 29/05/2020).

Clarice relata outro tipo de ajuda: a contratação de uma trabalhadora doméstica para auxiliar no cuidado dos seus filhos. As avós e os avôs das crianças também davam suporte, mas era mais para ficar no final de semana ou buscar no clube. Há também por parte delas/eles, apoio material. Sua narrativa apresenta diversas pessoas envolvidas nos cuidados das crianças: a mãe, o pai, a trabalhadora doméstica, as avós, os avôs. Essas possibilidades de arranjo por parte das famílias, entretanto, são marcadas por condições estruturais, como a de classe.

Sobre isso, Biroli (2018b, p. 57) afirma que “as experiências de cuidado são diversas e as hierarquias de gênero são produzidas conjuntamente pelo patriarcado, pelo capitalismo e pelo racismo, dimensões interligadas das estruturas de privilégio”. No entanto, observa que “as desigualdades de gênero permanecem mesmo entre os estratos mais ricos e com maior acesso à educação formal” (Ibidem, p. 13). Segundo a mesma autora, há de se considerar ainda as dificuldades sofridas por mulheres divorciadas ou solteiras com filhas/os, como Cecília e Carolina.

Quando tive minha filha, eu estava na faculdade, e a decisão era que com quatro meses ela iria para a creche, mas minha mãe disse: "De jeito nenhum, não vai para a creche de nenhum jeito! Vou tomar conta". Minha mãe tomou conta da minha filha, muito. Dos quatro meses até os dois anos, só ela tomava conta, e eu fazendo faculdade... Com dois anos, ela entrou em uma creche, era meio expediente; minha mãe que ia buscar lá na Tijuca porque era melhor para mim porque eu estudava na UERJ... Meu pai levou os meus filhos na escola até morrer... levou todos. Levou os filhos do meu irmão, levava e ia buscar, e os meus também. A gente sempre morou perto. (Cecília)

Eu me coloco sempre nesse lugar até porque eu tenho uma disponibilidade de tempo que me permite isso. Como eu não estou ligada a nenhuma empresa, não tenho horários rígidos, eu sou autônoma, eu posso fazer isso. Até se precisar, quando estou lá no terreiro, eu falo: "Traz para cá que eu tomo conta", até isso eu faço. Poder ajudar nestas questões. Ser família. Me colocar como família, estar junto, dividir, compartilhar as coisas. Acho isso muito

importante, ser família sempre. [...] Então isso eu acho que a gente podendo estar junto, a gente poder contar com família nessas horas é muito importante. [...] Sempre que precisei, eu pude contar. Acho importante isso, poder contar (Carolina, Entrev., 16/05/2020).

Apesar dos desafios, essas duas mulheres tiveram com quem contar para desenvolverem suas atividades profissionais. No caso de Cecília, esse suporte era facilitado pelo fato de sua moradia ser próxima à de seus pais. Ambas, Carolina e Cecília, procuram retribuir esse apoio, colocando-se à disposição das mães das crianças. Nesse processo, observa-se uma solidariedade intergeracional entre mulheres, orientadas para apoiar as novas gerações a avançar profissionalmente, assim como observam Attias-Donfut e Segalen (2002) em suas pesquisas na França.

Uma comparação das respostas obtidas a partir de três gerações da mesma família mostra que cuidar dos netos é mais comum do que antes. A presença dos avós mostra-se mais forte hoje do que para gerações anteriores, e é aparente em todas as classes sociais, embora sejam mulheres que não estão inseridas no mercado de trabalho que dão mais apoio. O desenvolvimento de creches e pré-escolas não resultou em avós retirando seu apoio. Na verdade, o apoio dos avós complementa formas institucionalizadas de cuidado infantil. Várias explicações foram apresentadas para explicar este maior investimento dos avós, entre os mais importantes deles está o fato de que a maioria das mães jovens são profissionalmente ativas e, portanto, têm uma maior necessidade de serem ajudadas. Além disso, mulheres jovens, que são ascendentes socialmente, tendem a se beneficiar mais com a ajuda de uma avó (Attias-donfut; Segalen, 2002, p. 284-285. Tradução nossa).

A narrativa de Cecília evoca ainda o reconhecimento do envolvimento de alguns avôs nos cuidados rotineiros com as crianças. Os avôs que participaram da pesquisa também falam sobre isso:

Eu tinha reservado duas noites sem atender ninguém para cuidar dos netos, noites de segunda e as noites de quarta; eu não estava atendendo nenhum paciente, dedicado à família. Eu fazia o meu papel de avô (Carlos, Entrev. 28/10/2020).

O [meu neto mais novo] gozou de uma coisa e eu também, de um privilégio, porque quando ele nasceu, eu estava me aposentando, saindo e, algumas vezes na semana, eu ia para ficar com ele, para ajudar [minha filha] de alguma forma, levá-lo para a creche. Eu ia com ele no colo, não ia no carrinho não... eu ia conversando com ele, mostrando as coisas, e ele interagindo, vendo... Tinha um dia na

semana, às vezes até dois. Porque havia uma necessidade, e eu estava ali, sempre disposto a participar (João, Entrev., 04/06/2020).

Carlos e João assumem (ou assumiam, antes da pandemia) o cuidado com seus/suas netos/as com regularidade. Levar ou buscar na creche, ficar com as crianças em horários nos quais as mães/os pais estão trabalhando, dar comida, brincar junto são algumas das práticas de cuidado narradas por eles, que cumprem, segundo Carlos, o “papel de avô”. Em suas narrativas, percebe-se que essas práticas eram também assumidas, de modo mais intenso e menos esporádico, com suas filhas e seus filhos. João, contudo, reconhece que há um processo de mudança em curso, impulsionado pelos movimentos feministas e observado nas atitudes de diferentes gerações.

Por alguma razão, eu sempre tive muita afinidade com criança pequena. [...] Nós temos uma geração de amigos, e eu sempre me dei muito bem com as crianças, com os filhos deles que hoje são pais, adultos e com os meus filhos. Eu sempre tive uma facilidade de conviver com criança pequena, que é uma coisa natural [para mim]. E nós não fomos, a minha geração, eu não acho que foi muito... Vocês são, nesse sentido, mais abençoados. O homem lida com bebê, participa, divide atribuições. Eu, por alguma razão, já fazia isso quando os meus filhos eram pequenos (João, Entrev., 04/06/2020).

Outro aspecto pontuado por João e também sinalizado por outras/os participantes da pesquisa é a disponibilidade de tempo para se dedicar às netas e aos netos, proporcionada pela aposentadoria (que vem se tornando um desafio cada vez maior no contexto brasileiro a partir das últimas reformas da previdência). Entre as avós e os avôs ouvidas/os, a metade trabalha fora, mas, todas/os, pelos seus relatos, aparentam um movimento de diminuição no ritmo laboral profissional para dedicar mais tempo a outros prazeres, como estar com a família, em especial com as netas e os netos.

Diante do exposto, “ser apoio” em relação ao cuidado das crianças, como desejam as avós e os avôs desta pesquisa, envolve tempo disponível, recursos financeiros, proximidade de moradia, além de outras condições não destacadas pelas/os participantes, como condições de saúde e mobilidade urbana. Cuidado, portanto, implica um contexto social e econômico que garanta condições dignas para que as pessoas vivam os afetos e cuidem umas das outras. Desse modo, cuidado é uma “preocupação política”, pois não diz respeito apenas à esfera privada, mas também a “obrigações do Estado, obrigações essas que ganham novas configurações no mundo contemporâneo” (Hirata; Debert, 2016, p. 7).

Considerações Finais

Para além da dimensão instrumental, as narrativas das e dos participantes da pesquisa apontam uma dimensão ética e humana do cuidado. “Estar junto” às crianças é destacado pelas avós e avôs como um ato de cuidado, envolvendo escuta, partilha e reconhecimento de suas necessidades. Os modos de cuidar e a própria garantia do cuidado, entretanto, são afetados pelas condições de vida das pessoas. Diante disso, avós e avôs ressaltam a necessidade de “ser apoio”, auxiliando sobretudo as mulheres-mães, sobrecarregadas por uma estrutura social que as responsabiliza pelo cuidado das crianças enquanto alivia os homens dessa função.

Embora sejam observadas mudanças sociais, as condições estruturais são desafios a serem superados na direção de um cuidado que se disponibiliza para estar com o outro, para partilhar momentos, para estar em relação. A promoção de uma ética do cuidado nos interpela à construção de uma organização social que a favoreça e que cuide também de quem cuida. No que diz respeito ao cuidado das crianças, ele envolve o reconhecimento da responsabilidade de toda a sociedade com as novas gerações, pois, como diziam os cartazes dos movimentos de mulheres e feministas no período pré-constituente no Brasil, “filho não é só da mãe” (Campos, 1999, p. 122).

As reflexões suscitadas neste artigo coloca em evidência, assim, a necessidade de que o tema do cuidado seja abordado em novas pesquisas e que as perspectivas de crianças, mulheres e velhos, grupos marcados por desigualdades, opressão e exclusão, sejam contempladas nos estudos.

Referências

ADAME, Alexandra L. Self-In-Relation: Martin Buber and D. W. Winnicott in Dialogue. **The Humanistic Psychologist**, n. 12, p. 1-13, Nov. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1037/hum0000203>. Acesso em: 11 ago. 2021.

ALVES, Sâmea Moreira Mesquita. **Cuidar ou ser responsável?** Uma análise sobre a intergeracionalidade na relação avós e netos. 2013. 188f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ATTIAS-DONFUT, Claudine; SEGALEN, Martine. The construction of grandparenthood. **Current Sociology**, v. 50, n. 2, p. 281-294, Mar. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0011392102050002622>. Acesso em: 10 set. 2021.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BIROLI, Flávia. Responsabilidades, cuidado e democracia. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, DF, n. 18, p. 81-117, set./dez. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220151804>. Acesso em: 01 nov. 2021.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. Tradução Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BUBER, Martin. **Encontro**: fragmentos autobiográficos. Tradução de Sofia Inês Albornoz Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CAMPOS, Maria Malta. A mulher, a criança e seus direitos. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 106, p. 117-127, mar. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15741999000100006>. Acesso em: 01 nov. 2021.

CECCIM, Ricardo Burg; PALOMBINI, Analice de Lima. Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado. In: MAIA, Marisa Schargel (org.). **Por uma ética do cuidado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 155-183.

CECCIM, Ricardo Burg; PALOMBINI, Analice de Lima. Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado. In: MAIA, Marisa Schargel (org.). **Por uma ética do cuidado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 155-183.

COSTA, Alexandre. A fábula de Higinio em *Ser e tempo*: das relações entre cuidado, mortalidade e angústia. In: MAIA, Marisa Schargel (org.). **Por uma ética do cuidado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 29-51.

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre bebês e adultos na creche**: o cuidado como ética. São Paulo: Cortez, 2011.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Os múltiplos fios que tecem as relações de cuidado. In: ANGOTTI, Bruna; VIEIRA, Regina Stela Corrêa (org.). **Cuidar, verbo coletivo**: diálogos sobre o cuidado na pandemia da Covid-19. *E-book*. Joaçaba, SC: Ed. Unoesc, 2021. p. 11-30. Disponível em: https://www.unoesc.edu.br/images/uploads/editora/Cuidar_verbo_coletivo.pdf. Acesso em: 01 nov. 2021.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko. **O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades.** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

HIRATA, Helena; DEBERT, Guita Grin. Apresentação do Dossiê Gênero e Cuidado. **Cadernos Pagu**, n. 46, p. 7-15, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/i/2016.n46/>. Acesso em: 01 dez. 2021.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

KRAMER, Sonia; NUNES, Maria Fernanda Rezende; PENA, Alexandra. Crianças, ética do cuidado e direitos: a propósito do Estatuto da Criança e do Adolescente. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046237202>. Acesso em: 01 nov. 2021.

KRAMER, Sonia; PENA, Alexandra. Vulnerabilidade e ética na pesquisa em educação. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Ética e pesquisa em Educação: subsídios.** v. 1. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. p. 71-75. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/etica_e_pesquisa_em_educacao_-_isbn_final.pdf. Acesso em: 01 nov. 2021.

LEJARRAGA, Ana Lila. Os afetos em Winnicott. **Cad. Psicanál.**, CPRJ, Rio de Janeiro, ano 30, n. 21, p. 87-101, 2008. Disponível em: http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno21_pdf/6Cadernos%20n.%2021_Os%20afetos%20em%20Winnicott.pdf. Acesso em: 11 ago. 2021.

MARCONDES, Mariana Mazzini; MORENO, Renata. Cuidado infantil e trabalho na perspectiva feminista. In: CARDOSO JR., José Celso (org.). **A constituição golpeada: 1988-2018.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2018. p. 177-205. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2018/12/Constituic%CC%A7a%CC%83o-golpeada-web1.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.

OLIVEIRA, Paulo Salles de. **Vidas compartilhadas: cultura e relações intergeracionais na vida cotidiana.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PHILLIPS, Adam. **Winnicott.** Tradução Alessandra Siedschalag. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

PLASTINO, Carlos Alberto. A dimensão constitutiva do cuidar. In: MAIA, Marisa Schargel (org.). **Por uma ética do cuidado.** Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 53-87.

PRAGLIN, Laura. The nature of the “in-between” in D.W. Winnicott’s concept of transitional space and in Martin Buber’s *das zwischenmenschliche*. **Universitas**, v. 2, n. 2, p. 1-9, Fall 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/948520/The_Nature_of_the_In-Between_in_DW_Winnicotts_Concept_of_Transitional_Space_and_in_Martin_Bubers_das_Zwischenmenschliche. Acesso em: 11 ago. 2021.

RAMOS, Anne Carolina. **Meus avós e eu**: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças. 2011. 464f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

RIBEIRO, Paula Christina Pegado. **Avós e netos**: vínculos de cuidado na atualidade. 2018. 85f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

ROSA, Denise Costa. **Quando as obrigações escolares são administradas pelos avós**: um estudo sobre as práticas educativas dos avós cuidadores dos netos. 2018. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG, 2018.

ROSEMBERG, Fúlvia. A cidadania dos bebês e os direitos de pais e mães trabalhadoras. *In*: FINCO, Daniela; GOBBI, Marcia Aparecida; FARIA, Ana Lúcia de (org.). **Creche e feminismo**: desafios atuais para uma educação descolonizadora. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica; Associação de Leitura do Brasil - ALB; São Paulo: Fundação Carlos Chagas - FCC, 2015. p. 163-183.

ROSEMBERG, Fúlvia. O movimento de mulheres e abertura política no Brasil: o caso da creche. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 51, p. 73-79, nov. 1984. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br//index.php/cp/article/view/1462>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SANTIAGO, Maria Betânia; RÖHR, Ferdinand. Formação e diálogo nos discursos de Martin Buber. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., Caxambu, MG, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT17-2672--Int.pdf>. Acesso em: 28 maio 2020.

SANTOS FILHO, Valter dos. O encontro inter-humano em Martin Buber. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FILOSÓFICO-TEOLÓGICO, 10., Belo Horizonte, MG, 2014. p. 1-15. Disponível em: http://www.faje.edu.br/simpósio2014/textos/nao_doutores/valter_filho.pdf. Acesso em: 09 dez. 2021.

SORJ, Bila; PONTES, Adriana. Políticas públicas e a articulação entre trabalho e família: comparações inter-regionais. O Programa Bolsa Família e a autonomia das mães. Educação infantil e as oportunidades laborais da mãe. *In*: FARIA, Nalu; MORENO, Renata Moreno (org.). **Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres**. São Paulo: SOF, 2010.

WINNICOTT, Donald Woods. **A família e o desenvolvimento individual**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Tradução de Berno Longhi. Revisão técnica de Leopoldo Fulgencio. São Paulo: Ubu, 2019.

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo César Sandler. São Paulo: Ubu, 2021.

CUIDADO DAS CRIANÇAS EM NARRATIVAS DE AVÓS: ENTRE A DISPONIBILIDADE E A
NECESSIDADE
CASTRO, LIANA G.

Revisor de línguas e ABNT/APA: Venício da Cunha Fernandes.

Submetido em 28/10/2023

Aprovado em 23/12/2024

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)